

Entre metodologias, teorias e pesquisas empíricas: caminhos para a identidade?

Jairo Ferreira

Potiguara Mendes da Silveira Júnior

No decorrer de um conjunto de conferências proferidas no PPGCC-Unisinos, Patrice Flichy, várias vezes, afirmou que a ausência de identidade da área da comunicação decorre de sua indefinição metodológica. Por isso, não tínhamos saída senão: assumir a identidade epistemológica das ciências sociais, ricas em ofertas metodológicas. A busca de uma identidade metodológica aparece, aí, com um peso tão importante quanto a questão teórica (o segundo tópico deste número). O terceiro tópico é, ponto nobre nesta revista, a pesquisa empírica, na qual aparecem os dilemas metodológicos e teóricos relativos às tensões entre usos e apropriações das heranças das ciências sociais e da linguagem, e as especificidades da comunicação como objeto específico em construção.

Começamos com o artigo de **Letícia Conceição Martins Cardoso** e **Márcio Leonardo Monteiro Costa**, focado na proposição da etnografia “como um procedimento analítico legítimo e eficiente para investigar objetos de comunicação”. Apresenta não só uma sistematização geral dos procedimentos etnográficos, como os desdobra em suas possibilidades realizadas nas pesquisas em comunicação: nos estudos de produção e de rotinas produtivas; do consumo e da comunicação; multimeios e documentações etnográficas; e netnografias. Faz isto referenciando-se a autores nacionais, o que também converge com a linha editorial desta revista (compreender a construção do campo em sua especificidade no Brasil).

Também em direção à etnografia, o artigo de **Luciana de Oliveira** sugere que a

etnografia multissituada é um caminho promissor para alcançar objetos comunicacionais, sobretudo aqueles que envolvem relações com humanidades com as quais temos a falta de familiaridade suficiente para achá-las interessantes e cujas vozes e existências subalternizadas não reverberam nos circuitos midiáticos corporativos.

Desenvolve esta proposição situando as formulações da etnografia e localizando procedimentos implicados na proposta. O pesquisador deve seguir as pessoas, suas

biografias, os objetos, a trama, o conflito e a metáfora. Isto, sempre atento ao outro, em seus tempos e espaços específicos, visando à compreensão de “outras subjetividades” que constituem “a produção do conhecimento num movimento de aproximação e afastamento, familiaridade e estranhamento”.

O artigo de **Alex Damasceno** recupera a fenomenologia de Alfred Schutz para abordar a questão da “orientação para o Outro” em interações mediadas pela técnica audiovisual. Sistematiza isto mediante conceitos de intercomunicação e relacionamento social, descrevendo diferentes esferas de orientação que “caracterizam os vínculos intersubjetivos traçados pelos meios”. Constrói relações entre as esferas do eu, tu, ele e nós – presentes nessas proposições – e as dimensões topológicas dos meios e suas mediações específicas, configuradas pelas tecnologias e as técnicas, e diferencia o cinema, a TV e o *videochat*.

Em *Mapeamento dos procedimentos metodológicos na pesquisa sobre mídias on-line: um estudo dos trabalhos do Simpósio Internacional de Ciberjornalismo*, **Juliana Colussi** e **Thays Assunção Reis** apresentam, de forma descritiva, o uso explícito de metodologias de pesquisas em investigações apresentadas no Simpósio Internacional de Ciberjornalismo, organizado anualmente pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Com base em 117 comunicações, os quadros informam um processo “normal” na área: “do número expressivo de *papers* que não explicitam as técnicas de investigação empregadas ou que se baseiam exclusivamente em revisão bibliográfica”. Buscam, em suas inferências, refletir sobre isso, acentuando a contradição entre processos formativos-titulação dos autores e ausência de recorte metodológico que fundamente o caráter científico das comunicações estudadas.

Os dois artigos seguintes são de sistematização teórica.

Em *Entre o comunitário, o popular e o contra-hegemonico: limites teóricos e aproximações cotidianas*, **Carla Baiense Felix**, **Mariana Pitasse Fragoso** e **Andrew Costa** buscam discernir os conceitos referidos no título,

considerando também pesquisas empíricas que realizam (Maré Vive e Vila Autódromo), o que dá um alcance de esclarecimento à sistematização, pois a ancora no empírico. Percorrem a diferenciação no processo histórico (da ditadura aos tempos atuais de liberdades políticas) e mostram como esta diferenciação altera o discurso dos movimentos e demanda atualizações conceituais.

Já **Maria Cristina Gobbi, Mariana Carareto, Marina Paula Darcie e Natália dos Santos Gonzales** têm como objetivo “refletir sobre as abordagens dos conteúdos ensinados na disciplina de Teorias da Comunicação como contribuição para subsidiar debates sobre a consolidação da ciência da comunicação no Brasil”. Seguem um caminho de sistematização que tem sido produtivo em elucidar as dificuldades de convergência epistemológica, à medida que se revela a dispersão bibliográfica e teórica que orienta a área. A pesquisa – realizada em 19 cursos de graduação em dez instituições privadas de ensino superior do estado de São Paulo (Brasil) – apresenta resultados que confirmam configurações já identificadas em outros estudos por Luis Mauro Sá Martino (*A disciplina interdisciplinar: uma análise de 31 programas universitários de ensino de Teoria da Comunicação*) e Luis Claudio Martino (*Uma questão prévia: existem teorias de comunicação?*). Destacamos, entretanto, o quadro em que o tema “epistemologia” aparece em primeiro lugar entre os identificados na pesquisa e a preocupação das autoras em diferenciar os pesquisadores brasileiros como referências.

Os dois artigos finais deste número se referem a pesquisas empíricas. É interessante observar,

na busca de inferências, o contraponto entre seus encaminhamentos.

O de **Patrícia Gonçalves Saldanha e João Luíz de Bittencourt Victal** tem o objetivo de “refletir criticamente sobre” o comentarista Arnaldo Jabor no telejornalismo, no contexto das manifestações de 2013. Busca suas inferências nos conceitos frankfurtianos de semiformação do sujeito, hegemonia (Gramsci) e democracia (Bobbio e Hobbes). Neste encaminhamento dedutivo, mostra que o discurso de Jabor, reconhecido por seu percurso crítico, converge com o projeto liberal, constituindo um tipo de hegemonia compatível com a conjuntura em que vivemos, marcada por “uma postura individualista em detrimento de uma coletividade”.

O artigo de **Lucas Santiago Arraes Reino e Thaísa Cristina Bueno** faz um percurso inverso. Apresentam uma pesquisa realizada cujo objetivo era, de forma descritiva, mapear “tipos de aplicativo e sua utilização nos principais jornais das 27 capitais brasileiras”. Após breve contextualização do tema, utilizam o “procedimento exploratório-descritivo”, conduzido a partir de perguntas transversais aos jornais escolhidos. Em seguida, descrevem as inferências transversais e pontuais relativas ao campo de observação. Retornam, então, a inferências aproximativas e a proposições, visando à compreensão do processo tematizado. Seguem, portanto, um método indutivo em suas construções.

Estes dois últimos artigos revelam os impasses da área, se considerarmos como referências das pesquisas empíricas em curso, de um lado, a dispersão teórica e, de outro, a indefinição metodológica.